

A ESCRITA DA HISTÓRIA COMO UM PROCESSO: AS PRÁTICAS HISTORIOGRÁFICAS DE FRANÇOISE CHOAY (1965-1973)¹

THE WRITING OF HISTORY AS A PROCESS: THE HISTORIOGRAPHICAL PRACTICES OF FRANÇOISE CHOAY (1965-1973) | LA ESCRITURA DE LA HISTORIA COMO UN PROCESO: LAS PRÁCTICAS HISTORIOGRÁFICAS DE FRANÇOISE CHOAY (1965-1973)

PRISCILLA ALVES PEIXOTO

RESUMO

O presente artigo tem por objeto a produção da filósofa Françoise Choay. Mais especificamente, ele aborda textos que a autora desenvolveu entre 1965 e 1973, nos quais ela enfoca a história do urbanismo. São eles: *'L'Urbanisme en question'* de 1965, *'L'histoire et la méthode en urbanisme'* de 1970 e *'Urbanisme: théories et réalisations'* de 1973. Toma-se por hipótese a necessidade de se lançar um olhar mais aprofundado para as práticas historiográficas da autora, sublinhando o caráter processual e as condicionantes de enunciação de sua teoria. As ideias desenvolvidas neste trabalho se amparam na noção de 'operação historiográfica' enunciada por Michel de Certeau em seu livro *"A escrita da história"* de 1975. A partir das balizas dessa operação descrita por Certeau — os lugares, as práticas e a escrita da narrativa histórica —, busca-se, por fim, explicitar os elementos que Choay mantém e modifica em seu processo de interpretar a memória de uma disciplina chamada urbanismo, em outras palavras, em sua história do urbanismo.

PALAVRAS-CHAVE: Françoise Choay. História do urbanismo. Historiografia.

ABSTRACT

*The object of the present work is the production of the philosopher Françoise Choay. More specifically, it deals with texts developed by the author between 1965 and 1973, in which she focuses on the history of urbanism, namely "L'Urbanisme en question" (1965), "L'histoire et la méthode en urbanisme" (1970) and "Urbanisme. Théories et réalisations". The hypothesis involves the need to launch a deeper look at the historiographical practices of the author, emphasizing the procedural character and the enunciation conditionings of her theory. The ideas developed in this work are supported by the notion of "historiographical operation" as stated by Michel de Certeau in his book *The writing of history* (1975). From the limits of this operation described by Certeau — the places, practices and writing of historical narrative — it seeks to clarify the elements that Choay maintains and changes in her process of interpreting the memory of a discipline called urbanism, in his history of urbanism.*

KEYWORDS: Françoise Choay. History of urbanism. Historiography.

RESUMEN

El presente artículo tiene por objeto la producción de la filósofa Françoise Choay. Más específicamente, trata de textos que la autora desarrolló entre 1965 y 1973 y en los cuales enfoca la historia del urbanismo. Son ellos: “L’Urbanisme en question” (1965), “L’histoire et la méthode en urbanisme” (1970) y “Urbanisme. Théories et réalisations” (1973). Aquí se adopta por hipótesis la necesidad de una mirada más profundizada sobre las prácticas historiográficas de la autora, subrayando el carácter procesal y los condicionantes de enunciación de su teoría. Las ideas desarrolladas en este trabajo se basan en la noción de “operación historiográfica” enunciada por Michel de Certeau en su libro “La escritura de la historia” (1975). A partir de los referentes de esta operación descritos por Certeau — los lugares, las prácticas y la escritura de la narrativa histórica —, se busca, por fin, explicitar los elementos que Choay mantiene y modifica en su proceso de interpretar la memoria de una disciplina llamada urbanismo, en otras palabras, en su historia del urbanismo.

PALABRAS CLAVE: Françoise Choay. Historia del urbanismo. La historiografía.

INTRODUÇÃO

Françoise Choay é uma autora reconhecida por seus escritos sobre a história do urbanismo e sobre a noção de patrimônio. Trata-se de uma intelectual que iniciou seus estudos nas áreas de estética, línguas e antropologia e que, a partir da década de 1950, tornou-se redatora de duas revistas francesas — L’Oeil (1958-1959) e France Observateur (1956-1961) —, nas quais passou a dedicar especial interesse também a temas arquitetônicos e urbanos.

Contudo, é o texto “*L’urbanisme, utopies et réalités*”, publicado em Choay (1965), que marca de fato o início do esforço de reflexão dessa autora, especificamente sobre a história do urbanismo. Traduzido em ao menos quatro línguas — espanhol, italiano, inglês e português do Brasil e de Portugal — e objeto de diversas reedições, esta talvez seja uma das obras da autora com maior difusão e que tenha contribuído verdadeiramente para a construção de seu renome internacional.

O aprofundamento de suas reflexões sobre esses saberes continuou nos anos seguintes. Em março de 1978, a autora se tornou doutora em letras (CHOAY, 1978) com uma tese que versava sobre duas diferentes modalidades discursivas que instauravam espaços (de cidades inclusive): aquelas conhecidas como tratados de arquitetura e aquelas chamadas de utopias. O trabalho foi a base para outro livro de grande recepção: “*La règle et le modèle*” (CHOAY, 1980). Atualmente, Choay possui mais de vinte títulos publicados em diferentes países.

No entanto, a despeito da relevância e da grande difusão de seus escritos, o conjunto de trabalhos que se dedicaram à sua vida e obra não é muito numeroso. Até mesmo

na França — país onde nasceu, reside e trabalha Choay — poucos são os autores que se posicionam sobre suas contribuições. Dentre eles, podem-se citar os esforços de Claude (2006), Thierry Paquot (CHOAY, 1994), Dosse (2002) e Ouahès (1999).

Pode-se dizer que todos esses autores sublinharam o papel precursor de Choay na história do pensamento urbanístico. Eles estabeleceram, inclusive, paralelo entre a produção da autora e a dos historiadores do urbanismo que escreveram posteriormente. Porém, nesse conjunto de trabalhos não se percebe um olhar mais direcionado aos aspectos que condicionavam a história praticada por Françoise Choay, levando em consideração seu momento de produção e estabelecendo, de forma mais precisa, a relação entre esses limites e a estrutura do discurso produzido por ela (PEIXOTO, 2015).

É preciso observar que essa desatenção às condicionantes das práticas historiográficas não é exclusiva dos trabalhos sobre Françoise Choay. Na fortuna crítica de outros autores que se dedicaram à historicidade do urbanismo, é igualmente difícil encontrar trabalhos que desenvolvam esse aspecto². Diante da expressão desse cenário — em que existe uma produção pujante de uma historiadora do urbanismo, mas uma produção pouco expressiva sobre a historiografia do urbanismo em geral, e sobre a crítica de Françoise Choay em particular —, o presente artigo visa trazer algumas contribuições, mesmo que de forma tópica.

Tomam-se como ponto de partida três textos escritos pela autora, especificamente aqueles que tematizaram a história do urbanismo e que foram publicados entre 1965 e 1973: ‘Urbanismo em questão’ (CHOAY, 1965), “*L’histoire et la méthode en urbanisme*” (CHOAY, 1970) e “*Urbanisme, théories et réalisations*” (CHOAY, 1973)³. Com eles, ao contrário da tendência apontada anteriormente, o presente artigo busca sublinhar a necessidade de se atentar para as práticas da escrita da história estabelecida por Françoise Choay e para as condicionantes de enunciação de sua teoria.

Essa atenção mais fina à historiografia pode ser enunciada pela teoria da história desenvolvida por Michel de Certeau, mais especificamente, com sua noção de “operação historiográfica” (CERTEAU, 1974, 1975). Essa noção busca evidenciar a produção do historiador como algo condicionado por um lugar, por uma prática e por uma escrita. Para o autor, os escritos de um historiador são fragmentos de um processo maior, os quais englobam seu percurso intelectual por instituições e por círculos sociais, bem como o desenvolvimento de suas pesquisas e sua capacidade de refletir sobre sua própria produção. Essa abordagem permite supor, portanto, que os escritos de Choay sobre o urbanismo são, igualmente, fragmentos de um percurso.

Assim, toma-se aqui por hipótese que, para compreender de maneira mais ampla a interpretação que a autora faz da memória do urbanismo — dita de outra forma, sua história do urbanismo —, é necessário reconhecer as condicionantes que se impõem e que conformam a arquitetura de seu discurso a cada escrito. Trata-se de um aspecto importante, pois, além da pouca bibliografia que versa sobre a obra de Françoise Choay

e da pequena atenção a sua prática historiográfica, a difusão de seus escritos também não contou com o cuidado aqui enunciado. Brevemente, os modelos que ela construiu, marcados ainda pelo pensamento estruturalista que criticará posteriormente, passaram a ser adotados como categorias de análise, ou seja, como invariantes culturais. Configuram assim, um uso completamente avesso ao próprio engajamento da autora. Em entrevista a Thierry Paquot, ela sublinha esse aspecto:

No contexto da época — o estruturalismo, ao qual eu permaneci exterior — e por uma preocupação pedagógica, eu construí três tipos de “modelos” — três famílias de pensamento, se vocês preferirem — e alguns leitores os congelaram, os “coisificaram”. Essas categorias são instrumentais, elas funcionam “de modo geral”, mas não se pode sistematizá-las. E se os dois primeiros, o “culturalista” e o “progressista” ainda são relevantes, o terceiro, o “naturalista”, que na época reagrupava a abordagem de arquitetos e urbanistas americanos como Frank Lloyd Wright, não corresponde ao que entendemos habitualmente por “naturalista”, tanto na arte, quanto na literatura. Vocês veem porque é conveniente ser prudente nas classificações e não lhes dar maior importância? (CHOAY, 1994, p.6, tradução nossa)⁴.

Um exemplo do uso dos modelos de interpretação de Choay como categorias estabilizadas *a priori* é o texto Frey (2001b) para a revista *Urbanisme*, intitulado “*Gaston Bardet, théoricien de l’urbanisme ‘culturaliste’*”. Essa interessante análise de Frey utiliza já em seu título a noção desenvolvida por Choay para qualificar a visão do urbanista Bardet. Contudo, em seu desenvolvimento não há qualquer menção à abordagem da autora.

Em outros textos (FREY, 1999; FREY, 2001a), esse uso será precedido de comentários e referências diretas à obra de Françoise Choay. Entretanto, o adjetivo ‘culturalista’, empregado sem maiores explicações especificamente nesse artigo, demonstra como as então categorias de Françoise Choay eram amplamente difundidas e reconhecidas. Em uma revista de grande circulação na área, como a conhecida *Urbanisme*, ao se escrever ‘urbanismo culturalista’, presumia-se que boa parte dos leitores reconhecesse o sentido do termo.

Se até mesmo para um grande e atento especialista da história do urbanismo, em textos mais circunscritos, o modelo de interpretação de Choay foi destituído de seu caráter situado e provisório, pode-se dizer que em uma esfera ainda mais ampla, por exemplo, na vulgarização do uso da antologia de 1965 como livro didático em escolas de arquitetura e urbanismo, a reflexão de Françoise Choay foi reduzida a uma taxonomia. As ementas de cursos das faculdades de arquitetura e urbanismo são sintomáticas desse processo, indicando com frequência a necessidade de se estudar ‘o urbanismo progressista’ e ‘o urbanismo culturalista’ como se eles existissem como correntes ou movimentos de fato⁵.

Ao contrário dessa tendência, como já enunciado anteriormente, acredita-se necessário problematizar a maneira como Françoise Choay constrói sua reflexão sobre a

história do urbanismo e as condicionantes dessa produção. Para demonstrar a hipótese, a presente análise busca distinguir, em cada texto de Françoise Choay, quais são os elementos que se mantêm e os que se modificam, tendo em conta o lugar onde são produzidos, as práticas que articulam e a forma escrita que delineiam (CERTEAU, 1974, 1975).

Na primeira parte deste artigo, ‘Três textos para se escrever uma história do urbanismo’, apresentar-se-á cada um dos escritos que serão analisados. Nesse momento serão sublinhados os aspectos da produção de Françoise Choay enunciados pela ‘operação historiográfica’ de Michel de Certeau. Na segunda parte, ‘Da história como método’, serão aprofundados os temas já apresentados, enfatizando a maneira como a história deveria ser entendida como um método para o urbanismo — aspecto que será enunciado pela própria autora ao longo desse processo. Na terceira e última parte, ‘Considerações finais’, será apresentado um balanço desse percurso que, como aponta Michel de Certeau a respeito do ofício do historiador de forma mais geral, parece se constituir a partir da “construção e erosão de unidades” (CERTEAU, 1975, p.107), ou seja, por uma ação construída a partir de arquiteturas interpretativas que serão, texto após texto, revisitadas e modificadas quando necessário.

TRÊS TEXTOS PARA SE ESCREVER UMA HISTÓRIA DO URBANISMO

Pode-se dizer que ‘Urbanismo em questão’ (CHOAY, 1965), ‘História e método em urbanismo’ (CHOAY, 1970) e “*Urbanisme, théories et réalisations*” (CHOAY, 1973) são os primeiros escritos nos quais Choay buscou sistematizar e interpretar os debates que deram forma ao urbanismo como disciplina. Publicado em 1965, ‘Urbanismo em questão’ (CHOAY, 1965) é o texto de abertura da antologia “*L’urbanisme, utopies et réalités*”. Reconhecida apenas como uma polemista que escrevia para revistas literárias e de arte, reuniu no livro escritos produzidos durante quase um século de tematização sobre as cidades, de meados do século XIX a sua contemporaneidade. Especificamente em “Urbanismo em questão”, texto de abertura do livro, a autora tece relações entre os autores que aborda na antologia. Primeiramente ela organiza os escritos em dois grupos: pré-urbanistas e urbanistas. Eles se distinguem por serem, respectivamente, constituídos por autores que elaboraram as ideias que forneceram as bases para o urbanismo e por autores que escreveram a partir de um momento em que a disciplina já se encontrava nomeada, constituída e reconhecida.

Além de estabelecer essa diferenciação, Françoise Choay identifica também algumas tendências nas tematizações das cidades, que atravessam tanto o período do pré-urbanismo quanto o do urbanismo. Dentre elas, destacam-se os ‘culturalistas’ e os ‘progressistas’, tendências diametralmente opostas. Os autores culturalistas se caracterizavam por projetar cenários futuros a partir da reorganização de formas do passado, enquanto os progressistas eram aqueles que prospectavam a partir de um ato de ruptura com as ações precedentes. Por fim, deve-se notar nesse texto que Françoise Choay evita aderir

expressamente à ideia de compor uma história do urbanismo, que para ela ainda era um gênero narrativo muito ligado à produção de autores como Lavedan (1926). Ao contrário desse autor, ela acredita que para se repensar a produção das cidades de seu tempo era necessário assumir uma ação mais interpretativa em relação às narrativas dos urbanistas:

Essa recorrência à história deveria permitir a construção de um quadro de referências onde captar o sentido real do urbanismo propriamente dito, sob suas diversas formulações e fórmulas, e situar os problemas atuais do planejamento urbano. No entanto, esse método não deve prestar-se a confusões. Nas páginas seguintes, não se encontrará uma história do urbanismo ou das ideias relativas ao planejamento urbano, mas uma tentativa de interpretação (CHOAY, 2003, p.3).

Como se pode observar, para Françoise Choay a prática da história ainda era percebida como um relato factual. Tratava-se da formulação de um discurso que se imaginava responsável por descrever uma verdade, por isso a necessidade de contrapor-la à noção de interpretação. Conforme se verá adiante, essa percepção da autora sofrerá modificações.

Já o texto “*L’histoire et la méthode en urbanisme*” foi publicado em 1970 em uma edição temática da revista dos *Annales* sobre o urbanismo. Trata-se da única incursão de Françoise Choay nessa revista e, de certo modo, denota a circulação da autora por meios cada vez mais especializados academicamente. Nesse texto, Françoise Choay apresenta como hipótese a necessidade de se pensar a história como um método para o urbanismo. Nas doze páginas nas quais organiza sua argumentação, expõe como a ação projetiva do urbanista — mesmo aquelas formuladas em um texto literário ou em uma especulação crítica — está sempre articulando relações temporais. Expondo ainda as reflexões das posições dicotômicas de urbanistas culturalistas e progressistas já apresentadas no texto anterior, Françoise Choay demonstra os revezes das posições polarizadas para a construção do urbano. Ao observar as cidades que estão sendo produzidas em sua época, propõe um olhar crítico sobre suas condições e sugere uma mudança de postura em relação a esses modelos de construção do espaço. Assim, propõe a (re)organização de uma nova prática, em que essa dicotomia é rebaixada e aspectos das duas posições são trazidos para a ação projetiva. Afirma, com essa proposta, uma maior consciência em relação à capacidade de ponderação (em relação ao passado e ao futuro) daquele que propõe a ação urbanística (CHOAY, 1970).

Contudo, é curioso notar que, para aprofundar sua reflexão, Françoise Choay inclui nesse texto autores que não constavam em seu escrito anterior, dos quais se destacam Idelfonso Cerdà e Sigfried Giedion (CHOAY, 1970). A inclusão desses autores cria uma tensão em relação ao modelo progressista que, a princípio, os enquadraria. Com uma ação fugidia, Idelfonso Cerdà e Sigfried Giedion são descritos por Françoise

Choay como aqueles que agenciam de forma mais evidente o conhecimento histórico e a ação prospectiva. É justamente com eles que ela constrói seu argumento contra a polarização dos modelos de construção do espaço e em favor da necessidade da história como um método para a disciplina.

Por fim, o texto ‘*Urbanisme, théories et réalisations*’ (CHOAY, 1973) foi publicado em 1973 em uma enciclopédia de grande circulação, a *Universalis*, pertencente ao grupo da *Encyclopaedia Britannica* na França. Possivelmente, a escolha de Françoise Choay para a escrita de um dos verbetes sobre urbanismo seja um sintoma do maior reconhecimento da autora; afinal, escrevendo sobre o mesmo assunto estavam também dois outros autores de grande reconhecimento e notoriedade, como Bruno Zevi “Urbanismo e arquitetura” e Pierre George “Urbanismo e sociedade”.

Contudo, além da possível marca de reconhecimento da autora, o texto escrito para a enciclopédia apresenta um traço curioso em relação aos modelos utilizados por ela até então para interpretar a ação dos urbanistas em seu campo. Françoise Choay busca superar a estrutura que havia construído para sua narrativa sobre a historicidade do urbanismo e a antinomia entre progressistas e culturalistas. Para isso, opera duas ações que devem ser assinaladas. Primeiramente, inclui em seu discurso as práticas urbanísticas que não produziram textos (ou cujos escritos foram igualmente ou menos potentes que sua poética projetual), mas que podiam ser lidas nas formas materiais da cidade e nos projetos. Desse modo, amplia a atenção para a noção de “arte urbana” — que já havia sido mencionada timidamente em seu texto de 1965 (CHOAY, 1965) — e introduz uma nova noção, a de ‘urbanismo de regularização’, que seria representada, sobretudo, pela ação de Georges Eugène Haussmann, *prefet* de Paris entre 1853 e 1870 (CHOAY, 1973).

Assim, Choay reduz a oposição entre pré-urbanismo e urbanismo e expõe, ao contrário, que o segundo deriva da mesma estrutura utópica do primeiro. Porém, a inclusão das novas noções — arte urbana e urbanismo de regularização — visavam mostrar que o discurso urbanístico possui também outra matriz, não utópica, e que segue uma tradição originária da tratadística do século XV. No entanto, após a publicação de “Urbanisme, théories et réalisations” (CHOAY, 1973), ao abrir espaço para os registros deixados nas formas materiais, Françoise Choay não relegava a um segundo plano os escritos críticos sobre as cidades. Ao contrário, começava a aprofundar ainda mais sua análise. É justamente essa atenção aos discursos sobre as intervenções nas formas materiais das cidades que o presente artigo considera a segunda ação empreendida por Françoise Choay a se observar nesse seu texto.

A partir de então, a ênfase de seus escritos passa a ser muito mais a problematização dos discursos instauradores de espaço de maneira mais ampla — e a oposição entre os gêneros literários utopia e tratadística —, do que os discursos do urbanismo especificamente. Este último, na interpretação da autora, passa a ser entendido apenas como uma

variação recente dos discursos utópicos. Por isso, mesmo que em entrevistas posteriores Choay continuasse a afirmar a validade dos modelos culturalistas e progressistas (CHOAY, 1994), eles não serão mais tematizados em seus textos com o mesmo destaque.

DA HISTÓRIA COMO MÉTODO

Inicialmente, os modelos para interpretar a história do urbanismo — pré-urbanismo, urbanismo, culturalismo e progressismo, por exemplo — parecem ser os elementos mais estáveis do conjunto de textos aqui tratados. No entanto, pouco a pouco, esse aspecto parece perder força, interesse e destaque nos escritos da autora. Por outro lado, nos mesmos textos é possível destacar outro aspecto que se afirma amplamente à medida que o tempo passa. Trata-se do engajamento de Choay em uma abordagem que entendia a história como um método para o urbanismo. Ou seja, justamente aquela explicitada no texto para a Revista dos Annales (CHOAY, 1970).

Ao contrário dos modelos dicotômicos, essa abordagem não seria silenciada em textos posteriores, mas continuaria presente nos trabalhos da autora muitos anos após o primeiro esforço de focar o urbanismo como disciplina. Ela retoma essa metodologia tanto nas obras sobre os discursos instauradores de espaço como, por exemplo, “*La règle et le modèle*” (CHOAY, 1980), quanto naquelas relativas à noção de patrimônio, como “*L’allégorie du patrimoine*” (CHOAY, 1992). Em todos eles, percebe-se que Françoise Choay é motivada por um anseio de criticar a conformação das cidades existentes e de indicar caminhos para que se desenvolvam novos modos de produção do espaço.

Entretanto, observa-se como o processo de construção dessa metodologia parece ter sido complexo (e intenso), demandando, inclusive, uma precisão no sentido do termo “história”. É curioso notar nesse processo — inicialmente em *Urbanismo em questão* — que Choay (1965) chegou a afirmar que seu trabalho não pretendia compor uma história do urbanismo. Naquele primeiro momento, sua posição era construída em oposição à história do urbanismo desenvolvida por Lavedan (1926), conforme já apontado. Assim, na redação do texto para a antologia, Françoise Choay contrapõe a essa forma de fazer história o desejo de interpretação. Portanto, interpretação e história aparecem como noções antagônicas.

Essa aparente contradição entre a autora que denunciava a baixa reflexividade nos estudos históricos e, ao mesmo tempo, estudava os autores e seus textos na história, cinco anos mais tarde parece mais tênue no texto “*L’histoire et la méthode en urbanisme*” (CHOAY, 1970). Nesse trabalho, aproximando-se de Idelfonso Cerdà e Sigfried Giedion na atenção ao discurso histórico, começa não somente a aventar outra concepção de história, como a explicitar seu envolvimento com outra que não mais servisse apenas para descrever ações e formas do passado, mas que as interrogasse para projetar o futuro. Essa nova acepção não é realizada de maneira simplória; Françoise Choay não escrutina o passado em busca de lições; ao contrário, parece olhar as construções do presente como frutos de processos e, muitas vezes, também de disputas.

Escrevendo para a revista *Analles*, em 1970, Françoise Choay aparenta não estar mais alheia aos debates historiográficos do período. A autora faz referências, por exemplo, a Fernand Braudel (CHOAY, 1970), importante historiador estruturalista. Contudo, apesar de estar atenta aos escritos produzidos por esse autor, não parece encontrar nele uma abordagem da história que lhe satisfaça por completo. Se por um lado ela se aproxima da noção de “pluritemporalidade” desenvolvida por Braudel, por outro, opõe-se à pouca atenção à temporalidade dos indivíduos e das mentalidades (PEIXOTO, 2015). Sua referência em relação a uma nova noção de história está mais próxima, não daquela desenvolvida por um historiador *stricto sensu*, mas sim da utilizada pelos historiadores da arte, pelos precursores do urbanismo já citados anteriormente (Idelfonso Cerdà e Sigfried Giedion) e também por uma utilizada pelo semiólogo Roland Barthes.

Em “*Mythologies*”, Barthes (1957) realizou uma crítica aos valores transformados em estereótipos, às ideias do senso comum e a tudo aquilo que em seu tempo se havia tornado “mito” (DOSSE, 2012) e parecia ter se “constituído pela perda de qualidade histórica das coisas” (BARTHES, 1957, p. 109). Assim, para Barthes, o estudo da história, como se tornaria para Choay entre 1965 e 1970, poderia ser visto como método para mostrar que as ‘coisas’ e as ‘ideias’ (sobre as cidades inclusive) não são universais, mas sim dotadas de sentidos nos discursos; esses podem sofrer mudanças à medida que os termos e os tempos do discurso se alteram. Reavivar esse processo é, portanto, um método para afastar as coisas e as ideias do lugar-comum dos mitos e, por outro lado, apresentá-las como construções.

Especificamente para Françoise Choay, a desnaturalização dos processos que a história permite deveria ser utilizada pelos urbanistas para a prospecção de cenários futuros, não mais em uma ação polarizada — emulando ou opondo-se ao passado como um todo —, mas, ao contrário, ponderando sobre quais ações gostaria de se aproximar ou se afastar em sua tentativa de instauração de novos espaços:

Assim, a história deve, nos dias de hoje, contribuir para superar a velha antinomia dos urbanismos progressista e culturalista. Ela abre novos horizontes aos “urbanistas” em uma nova abordagem epistemológica, descobrindo as duas instâncias do espaço que nós construímos tanto como membros de uma sociedade datada e localizada quanto como indivíduos (CHOAY, 1970, p. 1153, tradução nossa)⁶.

CONCLUSÃO

O presente artigo apresentou elementos para uma maior atenção à vida e obra de Françoise Choay. Especificamente, por meio de escritos e dados da biografia intelectual da autora, buscou-se expor aspectos que permitissem um olhar mais aprofundado sobre os processos e as condições de enunciação de sua teoria. Para isso, foram apresentados três textos escritos por Françoise Choay que têm em comum a produção de uma narrativa sobre a historicidade do urbanismo.

Se esse conjunto de escritos vincula-se, inicialmente, por um objeto comum, procurou-se demonstrar como, pouco a pouco, eles se conectaram também por um caráter menos perene: uma mudança em seus modelos de interpretação. Assim, no exercício da escrita, texto após texto, Françoise Choay parece ilustrar a própria imagem de ‘construção e erosão de unidades’ descrita alguns anos depois por Michel de Certeau. Nesse processo — em que foram aqui analisados o lugar de enunciação, as práticas adotadas e a forma delineada pelos escritos —, não apenas a narrativa sobre a historicidade do urbanismo pareceu ganhar maior complexidade, buscando superar as dualidades iniciais de ‘pré-urbanistas e urbanistas’ e ‘culturalistas e progressistas’. Ela também abarcou mais atores que contribuíram para um olhar mais amplo, para além do urbanismo, enfocando o que ela chamou de discursos instauradores de espaço. Por fim, ressaltou-se igualmente como esse processo a incitou a descolocar seu entendimento de história.

Sobre essa última ação, deve-se destacar que primeiramente a história foi tratada com desconfiança pela autora, mas em seguida se tornou um verdadeiro método para desnaturalizar as ideias sobre cidades que haviam se tornado uma espécie de mito contemporâneo. Ao produzir esses textos e passar ela mesma por esse processo, pode-se pensar que a contribuição mais significativa de Françoise Choay tenha sido dotar de novo sentido o próprio estudo da história em disciplinas produtoras de espaço.

No entanto, como pontuado inicialmente, pode-se dizer que esse aspecto da produção intelectual de Françoise Choay não permaneceu em primeiro plano na difusão de sua obra nem ganhou a notoriedade de seus comentadores e seguidores. O aspecto mais difundido e vulgarizado de seu trabalho — sobretudo da antologia publicada em 1965 — são as categorias criadas a partir de seu modelo de interpretação das memórias do urbanismo. Contrário a essa tendência, o presente artigo buscou sublinhar a necessidade de se estudar a obra da autora, travando um diálogo mais direto com a teoria que ela mesma enuncia.

NOTAS

1. Artigo apresenta resultados parciais da tese P.A. PEIXOTO, intitulada “Uma história do urbanismo em construção: as práticas historiográficas de Françoise Choay (1965-1973)”, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

2. Esse aspecto é objeto de uma pesquisa específica que vem sendo desenvolvida no âmbito da tese de doutorado da autora deste artigo. Para justificar essa afirmação seria necessário um espaço que extrapola os limites do presente trabalho. No entanto, o levantamento realizado por Isabelle Backouche (1998) ilustra bem esse cenário em que, até mesmo na França, onde se observa um interesse crescente nos estudos urbanos realizados entre as décadas de 1980 e 1990, são pouco numerosos os trabalhos de cunho historiográfico.

3. Dos três textos trabalhados aqui, apenas “Urbanismo em questão” possui uma versão publicada e traduzida para o português. “História e método em Urbanismo” e “Urbanismo: teorias e realizações” são disponíveis apenas na sua versão original em francês, respectivamente, “*L’histoire et la méthode en urbanisme*” e “*Urbanisme: théories et réalisations*”. No presente artigo, optou-se por utilizar a tradução da autora para o português para facilitar a leitura e compreensão.

4. “Dans le contexte de l’époque — le structuralisme, auquel je suis demeurée extérieure — et par souci pédagogique, j’ai construit trois types de “modèles” — trois familles de pensée, si vous préférez — et certains lecteurs les ont figés, chosifiés. Ces catégories sont instrumentales, elles marchent “en gros”, mais il ne faut pas les systématiser. Et si les deux premières, la “culturaliste” et la “progressiste” sont toujours pertinentes, la troisième, la “naturaliste”, qui à l’époque regroupait l’approche d’architectes et d’urbanistes américains comme Frank Lloyd Wright, ne correspond pas à ce qu’on entend habituellement par “naturaliste”, en art comme en littérature. Vous voyez pourquoi il convient d’être prudent dans les classifications et de ne pas leur donner plus d’importance [...]”.

5. Aqui se faz menção à ementa da disciplina História das Teorias do Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.fau.ufrj.br>>. Acesso em: 21 jul. 2015.

6. “Ainsi l’histoire doit aujourd’hui contribuer à permettre de dépasser l’ancienne antinomie des urbanismes progressiste et culturaliste. Elle ouvre des horizons nouveaux aux “urbanistes” dans une nouvelle saisie épistémologique, découvrant les deux instances de l’espace qui nous construit à la fois comme membres d’une société datée et localisée, et comme sujets”.

Apoio: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Processo nº 1330755) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Processo nº E-26/200.067/2016).

REFERÊNCIAS

- BACKOUCHE, I. *L’histoire urbaine en France: Moyen age-XXe siècle: Guide bibliographique 1965-1996*. Paris: L’Harmattan, 1998.
- BARTHES, R. *Mythologies*. Paris: Le Seuil, 1957.
- CERTEAU, M. *L’écriture de l’histoire*. Paris: Gallimard, 1975.
- CERTEAU, M. L’opération historique. In: LE GOFF, J.; NORA, P. (Org.). *Faire de l’histoire*. Paris: Gallimard, 1974.
- CHOAY, F. Intervieweur: Paguot, T. *Revue Urbanisme*, n.278-279, p.5-11, 1994.
- CHOAY, F. *L’allégorie du patrimoine*. Paris: Seuil, 1992.
- CHOAY, F. *L’urbanisme, utopies et réalités: Une anthologie*. Paris: Seuil, 1965.
- CHOAY, F. *La cité du désir et la ville modèle: Essai sur l’instauration textuelle de la ville*. Thèse (Doctorat en Philosophie) — Université de Paris X, Paris, 1978.
- CHOAY, F. *La règle et le modèle*. Paris: Seuil, 1980.
- CHOAY, F. L’histoire et la méthode en urbanisme. *Annales: Économies, Sociétés, Civilisations*, Année 25, n.4, p.1143-1154, 1970.
- CHOAY, F. *O Urbanismo: utopias e realidades: uma Antologia*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- CHOAY, F. Urbanisme, théories et réalisations. In: GRÉGORY, C. *Encyclopaedia universalis*. Boulogne-Billancourt: Universalis, v.6, p.492-499, 1973.
- CLAUDE, V. *Faire la ville: Les métiers de l’urbanisme au XXe siècle*. Marseille: Parenthèses, 2006.
- DOSSE, F. *Michel de Certeau: Le Marcheur Blessé*. Paris: La Découverte, 2002.
- DOSSE, F. *Histoire du structuralisme: Le champ du signe 1945-1966*. Paris: La Découverte, 2012. t.1.
- FRANCE Observateur. Paris: Le Nouvel observateur, 1956-1961.
- FREY, J-P. Être architecte et devenir urbaniste. In: ACTES DU SEMINAIRE INTERNATIONAL ENSEIGNEMENT ET PRATIQUE DE L’ARCHITECTURE: QUELLES PERSPECTIVES? Ager, 2001. *Annales... Alger*: EPAU, 2001a. p.24-35.

FREY, J-P. Gaston Bardet, L'espace social d'une pensée urbanistique. *Les études sociales: Voyages d'Expertise*, n.130, p.57-82, 1999.

FREY, J-P. Gaston Bardet, théoricien de l'urbanisme "culturaliste". *Urbanisme*, n.319, p.32-36, 2001b.

L'OEIL: Revue d'Art Mensuelle. Lausanne: Sedo, 1958-1959.

LAVEDAN, P. *Histoire de l'urbanisme*. Paris: H. Laurens, 1926.

OUAHÈS, R. *Chronique d'une mort annoncé*: Essai d'interprétation de la théorie d'urbanisme de François Choay, en regard du concept de "mort" appliqué à l'architecture et à la ville (Mémoire de diplôme d'études approfondies). Paris: École d'Architecture Paris-Belleville, Université Paris VIII, 1999.

PEIXOTO, P. A construção de uma abordagem: Françoise Choay e seu horizonte historiográfico em 1970. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 18., Florianópolis, 2015. *Anais...* Florianópolis: ANPUH, 2015.

Recebido em
3/9/2015,
reapresentado
em 27/1/2017
e aprovado em
17/2/2017.

PRISCILLA ALVES PEIXOTO | Universidade Federal do Rio de Janeiro | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo | Programa de Pós-Graduação em Urbanismo | Av. Reitor Pedro Calmon, 550, Prédio da FAU/Reitoria, 5º andar, sala 521, Cidade Universitária, 21941-901, Rio de Janeiro, RJ, Brasil | E-mail: <priscillapeixoto@gmail.com>.